
METRÓPOLE: a força dos fracos é o seu tempo lento*

Milton Santos**

As cidades, em especial as metrópoles, revelam um dos mais representativos fenômenos contemporâneos: a fusão das idéias de espaço e de tempo. Distanciando-se da natureza e com o concurso da técnica, o espaço urbano, um genuíno produto histórico, impõe a idéia de tempo. Um tempo fabricado pelo homem. Neste cenário, constituído por zonas díspares, “luminosas” e “opacas”, os homens movimentam-se de forma desigual. Contudo, a despeito das aparências, são os homens comuns, pobres e “lentos”, os mais velozes na descoberta de uma nova solidariedade na cidade.

*Comunicação apresentada no seminário *Metropolização e Sociedade: novas tendências nas relações espaço e tempo*, IPPUR-UFRJ/ANPUR, Rio de Janeiro, 06/10/1993.

** Professor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

¹ SIMMEL, Georg. *Les problèmes de la philosophie et l'histoire*. Paris : Presses Univ. de France, 1984.

² SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique*. Paris : Gallimard, 1990.

Para Simmel, as coisas e a vida são pólos no entendimento do Mundo.¹ O conselho de Sartre é mais preciso que o de Simmel: o entendimento do mundo é dado pelas coisas e pelo Período, a Época.² Quando falamos em Período, já estamos *qualificando* o Tempo, permitindo-lhe um enfoque empírico, de modo a evitar, justamente, que se trabalhe com o “esqueleto abstrato da universalidade”.

Espaço-Tempo? Metropolização? Que relações existem entre esses fatores?

O advento do Período Científico-Técnico permitiu, afinal, que, na prática, isto é, na História, espaço e tempo se fundissem, confundindo-se. Não há, nas ciências sociais, como tratá-los separadamente. Sob risco de tautologia, as categorias de análise devem ser outras, e não mais Tempo e Espaço, já que as definições se tornaram recíprocas. E a cidade, sobretudo a grande cidade, é o fenômeno mais representativo dessa união.

O espaço é, em todos os tempos, o resultado do casamento indissolúvel entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Hoje, graças às técnicas, que realizam, através da matéria a união do espaço e do tempo, tanto esses objetos são artificiais ou em todo caso, plenamente históricos, quanto as ações tendem a ser artificialmente instrumentalizadas. E o que atualmente há de específico na relação Espaço-Tempo na Metrópole é justamente isso: não são apenas as ações, como temporalizações práticas, que são Tempo; os objetos, como espacializações práticas, restos de passadas temporalizações, também contêm tempo. Quando Sartre diz que “*a praxis rouba a minha ação*” ou quando Maffesoli nos recorda de que “*os objetos não querem mais obedecer*”, ambos expressam esta mesma compreensão.

O casamento dos objetos perfeitos — mais perfeitos que a Natureza — com os sistemas sociais montados no artifício explica porque uns e outros juntos são capazes de fabricar grandes fábulas em lugar de produzir grandes relatos.

Que é, assim, esse Tempo do Mundo? Isso existe? Nós sabemos que há apenas um relógio mundial, mas não um tempo mundial. Seja como for, a distância do homem comum em relação a esse novo Tempo do Mundo é maior, muito maior do que antes. A mundialização multiplica o número de vetores e, na verdade, aumenta as distâncias entre instituições e entre pessoas. Ubiquidade, aldeia global, instantaneidade são, para o homem comum, apenas uma fábula. Para o homem comum, o Mundo, mundo concreto, imediato é a Cidade, sobretudo a Metrópole. Nessas condições, será a Cidade uma Nação?

Despindo a roupa da Natureza e vestindo a da Técnica, a Cidade, coisa inteiramente histórica, impõe a idéia de um tempo humano, um tempo fabricado pelo homem; e torna possível tratá-lo (ao tempo) de forma empírica, contábil, concreta.

A noção de sociedade global, noção abstrata, ganha concretude na cidade, onde os homens e a produção se dão em sistemas, e os objetos e lugares também são sistemas. Tudo isso é tornado sistêmico graças aos mandamentos sociais: a construção dos diversos tempos sociais combina a inflexibilidade dos objetos à flexibilidade das ações. Talvez, por isso mesmo, tenha toda razão Lia Osório Machado, quando nos lembra que as cidades são sistemas abertos e complexos, ricos de instabilidade e contingência.³

O tempo se dá pelos Homens. O tempo concreto dos homens é a temporalização prática, movimento do Mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do Tempo por cada grupo, cada classe social, cada indivíduo.

A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da re-educação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado.

Assim, como não há um tempo do Mundo, não há, por si só, um tempo da técnica: o objeto não se define sozinho, ou melhor, sozinho o objeto não tem sentido. Mas sua lei,

³ MACHADO, Lia Osório. A geopolítica do governo local: proposta de abordagem aos novos territórios urbanos da Amazônia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 3, Rio de Janeiro, 1993. *Anais...* Rio de Janeiro : UFRJ/AGB, 1993.

que é a lei de sua constituição como máquina de fornecer trabalho, se impõe sobre os homens. E os homens o descobrem, com maior ou menor rapidez. E uns mais que outros.

Na cidade, hoje, a “naturalidade” do objeto técnico — uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa — essa historização da metafísica, crava no organismo urbano, áreas “luminosas”, constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas “opacas”. Estas são os espaços do aproximativo e não (como as zonas luminosas) espaços da exatidão, são espaços inorgânicos, abertos e não espaços racionalizados e racionalizadores, são espaços da lentidão e não da vertigem.

Paremos um pouco aqui. A literatura que glorifica a potência inclui a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a “sua” civilização para o resto do mundo. Se velocidade é força, o pobre, quase imóvel na grande cidade, seria o fraco, enquanto os ricos empanturrados e as gordas classes médias seriam os fortes.

Creio, porém, que na cidade, na grande cidade atual tudo se dá ao contrário. A força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade elogiada por um Virílio em delírio⁴ na esteira de um Valéry sonhador. Quem, na cidade, tem mobilidade — e pode percorrê-la e esquadrinhá-la — acaba por ver pouco da Cidade e do Mundo. Sua comunhão com as imagens, freqüentemente pré-fabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem exatamente do convívio com essas imagens. Os homens “lentos”, por seu turno, para quem essas imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações. A lentidão dos corpos contrastaria então com a celeridade dos espíritos?

No próprio mundo da “inteligentzia” vemos o contraste. Quem vê mais, quem é mais ágil em matéria de elaboração do pensamento, o ativista arrogante e suado que pensa

⁴ VIRILIO, Paul. *L'espace critique*. Paris : Christian Bourgois Editeur, 1984.

estar perto do povo somente porque reside na porta da fábrica, ou o intelectual rigoroso e modesto, preso ao seu escritório, sentado na poltrona?

Cabe lembrar aqui uma categoria pouco explorada na obra de Sartre, a do prático-inerte. Este é o resultado de totalizações do passado, criando configurações resistentes na vida social e, digo eu, também no espaço. Cada lugar acolhe, através da História, seu prático-inerte local, formado — desculpem a simplificação — por uma tecnoesfera e por uma psicoesfera, ambas suscetíveis de alteração e mudança, ainda que a primeira, a tecnoesfera, por sua materialidade, mais pertença ao reino da necessidade, enquanto a segunda, um dado empírico mas não material, mais pertença ao reino da liberdade. Se os pobres, os homens comuns, os homens “lentos” acabam por ser mais velozes na descoberta do mundo, seu comércio com o prático-inerte não é pacífico, não pode sê-lo inseridos que estão num processo intelectual contraditório e criativo.

A estrutura dessa população de “homens comuns” favorece o processo. A chegada incessante de migrantes à cidade aumenta a variedade dos sujeitos... dos sujeitos comuns e das interpretações mais próximas do “real”. O conteúdo prático-inerte trazido por cada qual é diverso do ambiente prático-inerte local. A temporalidade introjetada que acompanha o migrante se contrapõe à temporalidade que no lugar novo quer abrigar-se no sujeito. Instala-se, assim, um choque de orientações, obrigando a uma nova busca de interpretações.

Segundo Lowenthal, o passado é um outro país.⁵ Digamos que o passado é um outro lugar ou, ainda melhor, o passado é num outro lugar. No lugar novo o passado não está; é mister encarar o futuro: perplexidade primeiro mas, em seguida, necessidade de orientação.

Para os migrantes e para os pobres de um modo geral, o espaço “inorgânico” é um aliado da ação, a começar pela ação de pensar, enquanto a classe média e os ricos são envolvidos pelas próprias teias que, para seu conforto, ajuda-

⁵ LOWENTHAL, David. Past time, present place: landscape and memory. *The geographical review*, n.1, v.65, p.1-36, 1975.

ram a tecer: as teias de uma racionalidade invasora de todos os arcanos da vida, essas regulamentações, esses caminhos marcados que empobreceram e eliminam a orientação ao futuro. Por isso, os “espaços luminosos” da metrópole, espaços da racionalidade, é que são, de fato, os espaços opacos.

Estas são lições que o tempo das metrópoles, submetido a uma nova leitura, nos inspira. Falta aperfeiçoar a metodologia adequada, na qual, certamente, categorias opostas e complementares, como as de tecnoesfera e psicoesfera, terão relevância. Essas duas esferas se influenciam reciprocamente, ou conforme nos ensina Ana Clara Torres Ribeiro, a psicoesfera pode criar as condições sociais para a aceitação da tecnoesfera.

Um tema, entre outros possíveis, é o da solidariedade na cidade, como um resultado e um acelerador da descoberta. A entrada em ação, hoje, de “*massas que estavam relativamente estacionárias*” no dizer de Gaston Berger, desarticula o mundo objetivamente articulado, não apenas no agravamento da produção da feiúra mas também da beleza.⁶

⁶ BERGER, Gaston. *Phénoménologie du temps et prospective*. Paris: Presses Univ. de France, 1964.

No entanto, encorajada pela mídia, a ciência social — e nela, a urbanologia — está dando realce aos temas do horror, quando na metrópole já acontecem fenômenos de enorme conteúdo teleológico, apontando para um futuro diferente e melhor. Nosso esforço deve ser o de buscar entender os mecanismos dessa nova solidariedade, fundada nos tempos lentos da metrópole e que desafia a perversidade difundida pelos tempos rápidos da competitividade.